

A Argentina começa a se reaproximar do FMI

HUGO MARTINEZ
Nosso correspondente

BUENOS AIRES — As medidas econômicas anunciadas pelo ministro da Economia, Bernardo Grinspun, representam uma guinada de 180 graus nas diretrizes da política implementada pelo governo de Raúl Alfonsín, desde que assumiu. Analistas econômicos destacaram que a prova mais evidente dessa mudança são os novos valores determinados pelo governo para o preço dos combustíveis, a taxa de juros para crédito bancário e para os salários. A gasolina teve aumento de 37%, aproximadamente, os juros foram fixados em 17% mensais e os salários subiram 12%, em junho, para o setor privado.

Segundo informou ao Estado um economista da equipe de assessores do presidente do Banco Central, Enrique García Vazquez, essas cifras revelam a intenção do ministro Grinspun de fechar a brecha existente entre os gastos e a receita do setor público. Desta forma, se põe em andamento um plano econômico que aproxima as posições do governo e as dos técnicos do Fundo Monetário Internacional.

O problema essencial, segundo Álvaro Alsogaray, líder da União de Centro Democrático, e um dos representantes do pensamento econômico liberal argentino, não é somente o

déficit fiscal, mas também os gastos do governo e, implicitamente, sua proporção. A equipe econômica pretende incrementar arbitrariamente o preço dos combustíveis para, desta forma, arrecadar mais tributos através dos 30% de imposto que se recebe a cada peso vendido de gasolina.

Estimativas sobre a demanda do produto na Argentina mostram que a elasticidade de seu preço é de cerca de 0,25, o que significa que a cada aumento de 1% no preço da gasolina, a demanda diminui em 0,25%. Se este imposto é importante para saldar o déficit fiscal, sem dúvida isto não vai funcionar, disse Alsogaray.

“O ajuste econômico de que falam os técnicos do FMI já está em marcha, e a intenção de se fixar uma taxa de juros positiva é parte deste mecanismo. Pretende-se aumentar a demanda de dinheiro e assim decomprimir a pressão que existe sobre a demanda de bens, baixando desta forma a inflação”, afirmou Marcelo Diamand, assessor econômico de importantes centros empresariais.

INFLAÇÃO: 589,2%

A inflação argentina chegou a 589,2% nos últimos 12 meses, com o índice de 17,9% registrado no mês de junho, segundo informou, ontem, o Ministério da Economia. Nos últimos seis meses, a inflação alcançou 158,9%, contra 103,9% de igual período do ano passado.